

OS GÊNEROS TEXTUAIS EMERGENTES COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA¹

Franciele Maria Martiny^{*}
Clarice Nadir von Borstel^{**}

RESUMO: *Este estudo tem como foco apresentar parte de uma pesquisa escolar que se desenvolveu em uma escola estadual, no terceiro ano do Ensino Médio. O objetivo, neste momento, será o de relatar alguns aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa com relação ao uso dos gêneros textuais emergentes em aulas de Português, com base na concepção interacionista de linguagem. As reflexões mostram resultados pertinentes do uso dos gêneros em sala de aula como estratégias de compreensão e interação com a língua materna.*

PALAVRAS-CHAVE: *Língua materna; gêneros textuais emergentes; interação.*

ABSTRACT: *This study aims to show part of a school research developed into a state school in the third year of high school. The goal, at this point, will be to report some theoretical and methodological aspects of research regarding the use of textual genres emerging in the Portuguese classes, based on the interactionist view of language. The reflections show relevant results from the use of the use of genres in the strategies of the interaction and understanding of language in the classroom.*

KEYWORDS: *Native language; textual genres emerging; interaction.*

AS NOVAS TECNOLOGIAS E OS GÊNEROS NO ENSINO

O uso das novas tecnologias está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, o que promove novas situações comunicacionais devido às diferentes formas de utilização da língua, que acompanha o desenvolvimento da humanidade, adquirindo novos contornos, de acordo com os fatos históricos e sociais vivenciados por determinada sociedade.

É sob esta perspectiva que se propôs um estudo que compreendesse o atual contexto das tecnologias, mais especificamente a *internet*, a fim de aproveitar este momento de informatização para debater os variados usos que se faz da linguagem enquanto interação entre os sujeitos.

¹ Parte deste artigo baseia-se na dissertação de mestrado desenvolvida durante o Programa de Pós-Graduação em Letras (Unioeste), sob orientação da Prof. Dr^a. Clarice von Borstel.

^{*} Professora Mestre da Faculdade Luterana Rui Barbosa – FALURB – e doutorando do Programa de Doutorado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste

^{**} Professora Doutora da Graduação e da Pós-Graduação (Programa de Mestrado e Doutorado) em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste

[...] apresentam novos caminhos, pois abrem perspectivas de interação entre as pessoas, e entre pessoas e objetos de conhecimento, jamais possibilitados pelos recursos até agora utilizados (MAGDALENA; COSTA, 2003, p. 97).

Sobretudo, a utilização dos gêneros textuais no ensino de língua materna oferece suporte teórico que ressalta a língua como um constructo social, construído e moldado pelos falantes, com objetivos e finalidades definidos durante o processo interativo. Uma posição que vai ao encontro com a concepção interacionista da linguagem, a qual observa que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN, 1997, p. 123).

Nesse sentido, destaca Marcuschi (2003), estudar os gêneros em sala de aula é uma oportunidade de observar o uso da língua em suas mais diversas formas. Dessa forma, praticamente tudo que é feito linguisticamente pode ser tratado como um gênero. Situação que também pode ser verificada na rede *online* de comunicação.

Portanto,

há muitos gêneros produzidos de maneira sistemática e com grande incidência na vida diária, merecedores de nossa atenção. Inclusive e talvez de maneira fundamental, os que aparecem nas diversas mídias hoje existentes, sem excluir a mídia virtual, tão bem conhecida dos internautas ou navegadores da Internet. (MARCUSCHI, 2003, p. 35).

Nesse sentido, o uso dos gêneros textuais nas aulas de Português é inquestionável, pois eles evidenciam a língua em uso, construída socialmente por seus usuários devido às necessidades comunicacionais reais.

Para Schneuwly e Dolz, o uso dos gêneros textuais aplicados ao ensino evidencia a importância dessa estratégia de ensino-aprendizagem quando

na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar a escola, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação – portanto, também aquela centrada na aprendizagem – cristaliza-se em formas de linguagem específicas. [...] em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo

tempo, objeto de ensino-aprendizagem. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 75-76)

Por isso, optou-se também pela escolha dos gêneros emergentes nas aulas de língua materna, que são aqueles presentes na rede *online* de comunicação, a fim de se refletir sobre o novo contexto histórico e social, o qual propicia, portanto, o surgimento de novas linguagens ou formas de escrita e de interação. Como acontece com o *internetês*², que é a escrita específica da internet, utilizada principalmente em *sites* de relacionamento, conversas instantâneas, alguns *chats* e *blogs*, e, portanto, em grande parte da rede.

Porém, na própria rede, há casos em que há o predomínio da língua institucionalizada, assim, uma forma não anula a outra, como também deve ser no cotidiano, a variedade padrão não deve anular as variações linguísticas.

Com base nesses apontamentos, para este artigo, foram selecionados alguns aspectos teórico-metodológicos referentes à apresentação dos gêneros aos alunos, incluindo os emergentes, trazendo relatos sobre como foi desenvolvida parte da pesquisa em sala de aula.

O USO DOS GÊNEROS EMERGENTES EM SALA DE AULA

Muitas discussões existem em torno da linguagem da internet e dos novos gêneros textuais presentes na rede *online*, chamados de emergentes ou virtuais. Entre eles pode-se citar o gênero *blog*, o *e-mail*, os *sites* de relacionamentos, como *Orkut*, *Facebook* e os programas de envio de mensagens instantâneas, do *Messenger-MSN* e de variados *chats*, por exemplo.

É com base nessa problemática que houve a vontade de saber de que forma eles poderiam ser utilizados em sala de aula, o que foi tomado como um problema de pesquisa.

Há diversas opiniões e estas estão divididas entre a validade do uso de novas tecnologias, de possíveis interferências e ou transferências da linguagem virtual, repleta de abreviações e “vícios” linguísticos, como a troca de letras na língua padrão, entre outras questões meramente especulativas.

Sendo assim, algumas discussões ficam restritas ao falar e praticamente nada acrescentam ao ensino da língua materna ou no estudo

² O termo *internetês* será tratado nesta pesquisa segundo a concepção de Komesu (2007, p. 425), que define essa linguagem como “[...] forma grafolingüística que se difundiu em gêneros digitais como chats, blogs e redes sociais como o *orkut*” e que, popularmente, é conhecido como o português escrito (digitado) na internet. Sendo que, “[...] a prática de abreviação, o banimento da acentuação gráfica, o acréscimo ou a repetição de vogais, as modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, são alguns dos traços que podem ser observados na ortografia desse texto” (KOMESU, 2009, p. 1).

das variadas linguagens inseridas nos gêneros textuais emergentes na própria *web*, e que, por isso, muitas vezes, evidenciam o caráter contemporâneo do meio social no qual o ser humano está inserido. É justamente essa a situação que deveria ser esclarecida ao aluno.

É a partir da realidade, do cotidiano do discente e do atual contexto social que se deve, ou pelo menos se deveria, tentar pautar o ensino da língua materna.

Certamente, o aluno deve aprender a língua institucionalizada, padrão, pois ela é uma necessidade em vários contextos da vida social e é um dever da escola de ensiná-la. Ao mesmo tempo, porém, apenas centrar-se nela faz com que o aluno tenha uma visão distorcida do funcionamento da língua, vista apenas como uma única forma de falar e escrever (mito do monolinguismo), acreditado que todas as demais estão “erradas”, gerando o preconceito linguístico.

Ao esclarecer o porquê da existência e a da importância do uso da norma linguística, bem como da relevância e da existência das demais linguagens, o aluno deve entender que a língua padrão é mais uma linguagem a ser utilizada quando necessário, pois ela denota uma convenção social-histórica de uma sociedade.

Associando-se o uso dos gêneros emergentes na sala de aula, Marcuschi enfatiza a necessidade de os professores se basearem nesse assunto. O teórico elenca quatro aspectos que ressaltam essa situação, sobre a importância da utilização dos gêneros presentes na internet no ensino, uma vez que

[...] são gêneros em franco desenvolvimento e fase de fixação com o uso cada vez mais generalizado; Apresentam peculiaridades formais próprias, não obstante terem contraparte em gêneros prévios; Oferecem a possibilidade de se rever alguns conceitos tradicionais a respeito da textualidade; Mudam sensivelmente nossa relação com a oralidade e a escrita, o que nos obriga a repensá-la. (MARCUSCHI, 2008, p. 200).

Muitas vezes professores e pais não buscam ter contato com a internet. Xavier (2005) resalta essa situação, mostrando a posição de muitas escolas, que desconhecem ou mesmo que desconfiam da utilização das novas tecnologias, reproduzindo um discurso contrário ao uso delas. Trata-se de discurso sem nenhum teor científico, mas, sim, preconceituoso.

Na definição de Rojo e Cordeiro (2004), é preciso

enfocar, em sala de aula, o texto em seu funcionamento e em seu contexto de produção/leitura, evidenciando as significações geradas mais do que as propriedades formais que dão suporte a funcionamentos cognitivos” (ROJO; CORDEIRO, 2004, p. 11).

Dessa maneira, no texto oral ou escrito, vai-se além de uma simples sequência de orações, mas de usos efetivos da língua, devido ao contexto de produção e às características do meio em que se está inserido, com propósitos diferenciados de comunicação.

Retomando as reflexões de Xavier (2005) sobre os gêneros emergentes - gêneros por ele chamados de “digitais” – observa-se que o uso dessa temática proporciona aos alunos da atual geração o contato maior com as variedades de textos, ou seja, com as variabilidades de linguagens, uma vez que possuem contato com o mundo inteiro através da internet. Para o autor, a geração atual tem adquirido o letramento digital antes mesmo de apropriar-se do letramento alfabético ensinado na escola. Essa situação pode ser usada em favor do letramento escolar, aproveitando-se o letramento digital.

O meio virtual está disponível para ser utilizado e analisado pelos docentes e alunos, pois o conhecimento e o domínio dessa ferramenta permitem ao educador desenvolver uma estratégia pedagógica diferenciada e atrativa para os alunos.

Além disso, a interação com os gêneros emergentes pode servir para a compreensão das diversas linguagens, inclusive a norma padrão, no momento em que se mostra quando cada uma pode ser usada pelos educandos. É, portanto, tarefa dos professores de Português preparar os discentes para que usem, de forma crítica, as diferentes linguagens, da maneira mais satisfatória, em cada contexto social.

Para Cordeiro e Brito, é necessário que os professores se conscientizem de que a língua é pertencente aos seus usuários e, dessa forma,

[...] são eles que a transformam de acordo com suas necessidades. Não se trata de substituir uma grafia por outra, mas compreendê-las, cada qual com suas aplicabilidades e adequadas à determinada situação. (CORDEIRO; BRITO, 2008, p. 1).

Da mesma maneira, Murand (2009) defende que os educandos que possuem uma boa formação educacional saberão separar, quando necessário, a maneira coloquial da formal. Assim, a responsabilidade da escola e dos professores é preparar os alunos para cada situação, como é trabalhado com as demais linguagens existentes no idioma brasileiro.

Xavier (2005) também critica o que julgaria ser uma das causas do não uso das novas tecnologias da comunicação em sala de aula. Então,

Tal atitude de repúdio às novas tecnologias esconde às vezes uma acomodação profissional dos que fazem a escola, para que não sejam revistos certos conceitos de ensino e reavaliadas algumas atividades

pedagógicas repetidas anos a fio, na maior parte das vezes sem sucesso. (XAVIER, 2005, p. 6).

Sobre o argumento de que os problemas ortográficos que já aparecem comumente nas redações de alunos, que iniciam na alfabetização e prosseguem para os próximos anos escolares, podem se complicar ainda mais com a utilização da linguagem da internet, uma vez que os “erros” são utilizados como se estivessem corretos e, com maior frequência, o autor defende que não. Uma vez que, “[...] é preciso despertá-los para as diferenças de comportamentos lingüísticos diante dos diversos gêneros e contextos comunicativos” (XAVIER, 2005, p. 7).

Por conseguinte, a internet não pode ser vista como negativa na prática de ensino-aprendizagem. Ao contrário, surge como uma forma de auxílio aos processos de aquisição de habilidades quanto ao saber da língua materna, como a própria escrita cuja utilização predomina no universo *online*.

A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE OS GÊNEROS EMERGENTES E NÃO EMERGENTES: UMA ESTRATÉGIA

Na pesquisa realizada, englobou-se, em um primeiro momento, uma gama de gêneros com o objetivo de comparar objetivos e estruturas de cada um separadamente, com as linguagens, objetivos e os estilos, para após detectar as semelhanças e as diferenças entre eles.

Inicialmente, mostraram-se os gêneros tradicionais e, na sequência, os emergentes, contrapondo os primeiros com os segundos. Percebeu-se que os mais atuais e presentes na rede *online* de comunicação foram os mais discutidos pelos alunos, sendo que participação na aula aumentou quando se mencionou e se discutiu os gêneros *e-mail*, *blog*, *MSN*, *Orkut*. Situação que denota uma motivação por parte dos alunos em abordar os gêneros textuais mais recentes, que estão em ascensão e cada vez mais presentes no cotidiano de suas vivências.

Acredita-se que, quando a aula está baseada em algo que tenha ligação com o ambiente diário do educando, como uma linguagem mais espontânea, ou seja, uma maneira de falar e de escrever que tenha identificação com o sujeito, o aprendizado fica mais facilitado e dinâmico, podendo-se partir do contexto do educando para chegar aos gêneros mais elaborados e focalizados tradicionalmente no ensino. Possibilita-se, então, que o discente faça relações entre assuntos de seu cotidiano com assuntos escolares.

Para Bakhtin,

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo

lingüístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (BAKHTIN, 2000, p. 282).

Com base neste pressuposto, a primeira etapa da pesquisa aconteceu objetivando a visualização dos gêneros elencados em uma sequência preestabelecida.

Em cada descoberta dos gêneros selecionados, a discussão iniciava. As questões centralizavam-se nas características dos mesmos, quanto ao tipo de linguagem utilizada, ao possível interlocutor, às condições de produção, à estrutura de base do texto (oral ou escrito), ao estilo, à composição, entre outros pontos pertinentes à contextualização e ao uso daqueles gêneros textuais, dentro da concepção interacionista de linguagem.

No início da aula, notou-se certa timidez por parte dos alunos, situação que foi se modificando no decorrer das atividades, quando o assunto foi ficando mais esclarecido, ou seja, quando os alunos perceberam que a ideia era analisar atentamente como se apresentavam os diferentes gêneros e suas características. Assim, promovia-se a interação entre a pesquisadora e os alunos para a observação e a compreensão da linguagem em uso.

Os primeiros gêneros mencionados e debatidos foram os anteriores às novas tecnologias, iniciando-se com uma definição sobre o que são gêneros textuais, reflexão inicial essa baseada na própria expressão “gêneros + textuais”, com apontamentos baseados nas teorias já apresentadas neste estudo, principalmente por Bakhtin (1997, 2000) e por Marcuschi (2001, 2003, 2008).

Após a breve introdução, uma sequência de gêneros foi mostrada na seguinte ordem: (1) gênero propaganda publicitária - extremamente utilizada na atualidade, encontrada sob diversos suportes com a intenção de persuasão; (2) gênero manual de instrução, encontrado em várias situações diárias quando se adquire um determinado utensílio de uso doméstico ou comercial; (3) bula de remédio, presente também no cotidiano dos alunos e reconhecida rapidamente, o que possibilita notar uma linguagem mais técnica e específica da área médica; (4) bilhete, gênero muito utilizado para repassar recados, que se contrapõe com o gênero anterior com relação, principalmente, à linguagem utilizada; (5) receita culinária, gênero que utiliza também uma linguagem mais simples em forma de tópicos, uso comum da forma imperativa, mostrando os passos da receita; (6) partitura de músicas, gênero pouco dominado, pois evidencia uma linguagem específica para o meio musical, destinado a um público restrito, conhecedor desse código; (7) letra de música, a qual foi relacionada ao gênero anterior como uma forma da “tradução”, para que o leigo possa interpretar o estilo utilizado pelo compositor, o que então abrange um

público maior, uma vez que ler é uma competência adquirida por um grande número de pessoas, ao contrário da linguagem especificamente musical.

Até aquele momento, as primeiras conclusões foram as de que a formação de um gênero textual é influenciada pela função a ser desempenhada pelo público que se visa atingir, pela mensagem a ser transmitida, pelo contexto em que é estruturado e pela interação entre produtor e interlocutor.

Partindo-se dos apontamentos, continuou-se a sequência de gêneros com a disposição de: (8) placa de trânsito, a qual representava o ícone “proibido estacionar”, pois, mesmo para as pessoas que não dirigem, o domínio do gênero está presente pelo seu uso cotidiano nas ruas das cidades. Logo em seguida, mostrou-se uma figura em que existe a utilização dos dois últimos gêneros, incluindo, ainda, traços do gênero manual de instruções (mostrado no início da apresentação). Trata-se de um cartaz que se utiliza de sinais de trânsito, para, com base no humor (piada), dar instruções de como não utilizar o banheiro. Foi uma maneira animada de abordar o assunto para chamar a atenção dos usuários do local.

Segundo Marcuschi (2008), o recurso que “mescla” dois ou mais gêneros pode ser chamado de intergenericidade e, devido a essa utilização, muitas vezes, é difícil até determinar o nome do gênero, uma vez que dois ou mais estão imbricados e se interpenetram para formar novos. Além disso, há situações em que um gênero possui a função de outro, ocorrendo, assim, uma espécie de hibridismo entre eles, o que acontece com certa frequência no cotidiano e deve ser mostrado aos alunos.

Na continuação, foi mostrado e debatido: (9) o gênero poesia, sendo explicitado um exemplo mais atual e outro pertencente ao período literário da segunda geração do Romantismo (“Mal do Século”), o que possibilitou verificar que um mesmo gênero, em diferentes épocas, possui linguagens diferenciadas, conforme características socioculturais da época em que está inserido. Foi apresentado, além disso, (10) o gênero diário, na qual foi apontada a questão da não necessidade de utilização da norma padrão, ou de obrigatoriedades da língua, uma vez que o interlocutor é a própria pessoa que escreve, a qual faz registros diversos de seu dia a dia da maneira como considerar melhor. Inclusive, há casos em que a pessoa cria um código linguístico secreto, que só ela entende.

Também foram apresentados alguns gêneros orais, como o telefonema, a palestra, a conferência, quando são abordados no próprio contexto que envolve a exposição oral.

Os alunos puderam verificar que a oralidade também é importante, devendo ser considerada os seus usos. Sobre o assunto, Marcuschi (2008) observa que há poucos estudos em que se abordam os gêneros falados em sala de aula, uma vez que a classificação das interações orais é menos sistemática e mais recente do que observar os textos escritos. Isso, porém,

não desconsidera o valor da inclusão dos gêneros orais em sala de aula. Pelo contrário, evidencia a necessidade de essa abordagem ser maior.

Depois, foram mostrados os diferentes gêneros textuais presentes nos jornais, com exemplo de dois classificados, um mais recente - de venda de automóvel - e outro da época da escravidão, quando o dono procurava uma escrava fugitiva (o que atualmente causa estranhamento e até risos).

Novamente, o contexto histórico, bem como o social e o cultural que envolve os gêneros, foram explicitados aos alunos e conferidos com base na exemplificação.

A própria redação de vestibular apareceu na apresentação, sob a forma de carta ao leitor, momento quando foram retomados os aspectos estruturais e composicionais desse gênero.

Retomando a explanação sobre o atual cenário histórico-social e de como surgem os novos gêneros e com que finalidade, foi mencionada a constante utilização do computador e também da internet, nos últimos anos. Decorre disso a necessidade de criação e de uso de novos gêneros devido ao momento contemporâneo vivenciado pela sociedade situada no contexto das novas tecnologias e dos recursos disponibilizados. Para Marcuschi, “Mais do que em qualquer outra época, hoje proliferam gêneros novos dentro de novas tecnologias, particularmente na mídia eletrônica” (2008, p. 198).

Até porque a gama de gêneros “[...] vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Iniciou-se, assim, uma sequência de gêneros emergentes presentes na rede *online*, entre eles, exemplos do (11) gênero *blog*, como forma de diários pessoais com depoimentos sobre a vida privada e, outros, com debates mais amplos da esfera pública sobre muitos assuntos, como por exemplo, os *blogs* de jornalistas, que discutem notícias veiculadas pela imprensa, evidenciando objetivos comunicativos diferentes; (12) *e-mail*, o qual pode ser escrito para pessoas mais íntimas (entre colegas) e outros escritos de maneira mais formal (como envio de um recado para um professor ou para o chefe).

Logo após, foram apresentados exemplos de (13) conversas *online* (*chats*) com a utilização do internetês e (14) páginas de relacionamento, como o *Orkut*. Notou-se que, durante a discussão em torno desses gêneros emergentes, a atenção dos alunos, bem como a interação, foi ainda maior. Essa informação foi ao encontro das teorias enfocadas neste estudo sobre o interesse maior sobre os gêneros da internet, uma vez que os alunos utilizam com certa frequência ou mesmo querem ter um conhecimento melhor dessa atividade. Por isso, a atenção e a discussão aumentam.

Ao falar sobre os gêneros virtuais, retomaram-se as discussões sobre os gêneros anteriores para comparar as linguagens e finalidades que se

assemelham e se diferenciam.

Além disso, durante a apresentação dos gêneros emergentes, aproveitou-se para sondar atitudes dos alunos com relação ao uso desses gêneros. A grande maioria mencionou que utiliza esses recursos *online*, apesar de não ser diariamente. Mesmo aqueles que declararam não conhecer amplamente o assunto e não usaram tanto o computador, também eles se mostraram curiosos com relação à temática e participavam de forma semelhante àqueles em que se percebia um domínio mais amplo sobre a tecnologia *online*.

Cabe ressaltar que, durante a aula, na explanação sobre o gênero de conversação instantânea, cujo maior programa brasileiro existente é o *Messenger-MSN*, a participação dos alunos foi considerada a maior durante as aulas. Naquele momento, aproveitou-se para mostrar um *slide* que contava com as conversas típicas nesse gênero, ou seja, situações nas quais está exemplificado o uso do *internetês*. Os alunos reconheceram logo traços dessa linguagem, mas não citaram a nomenclatura, uma vez que ela foi criada recentemente e ainda está no campo teórico de discussão, não falada, assim, comumente pelos usuários.

Ao final dessa etapa, os alunos sinalizaram o interesse pelo assunto, afirmando que com os exemplos a definição e a funcionalidade dos gêneros ficaram mais esclarecidas, situação que foi confirmada com a análise dos relatos escritos enviados no e-mail da pesquisadora, após a aula.

Uma modificação pertinente, no entanto, poderia ser a inversão da ordem de apresentação dos gêneros, iniciando pelos emergentes, para após, chegar aos anteriores às novas tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contextualização dos gêneros emergentes e o debate sobre o porquê de sua criação e uso - que cada vez é mais frequente entre os adolescentes - serviu de referência para iniciar a problematização em torno do uso das diversas linguagens em diferentes contextos, com diferentes finalidades, conforme cada gênero possibilita ou requer em cada interação.

Nesse sentido, o recorte teórico-metodológico, neste artigo brevemente apresentado, serviu para que os alunos compreendessem cada um dos gêneros e isso é essencial à própria compreensão dinâmica da linguagem em si de maneira crítica, associando-a as relações sociais que a envolvem. Os alunos sinalizaram que não haviam pensado, ainda, dessa maneira a respeito do assunto.

No momento em que se abre um espaço para os discentes interagirem e a tecerem reflexões e comentários, eles conseguem revelar para eles mesmos e para o professor (a pesquisadora) as representações e

os conhecimentos que conseguiram adquirir a partir de uma estratégia de atividade do cotidiano, no contexto em sala de aula.

Cabe, ainda, mencionar uma sugestão de uso desta estratégia pedagógica, de contato com os diversos gêneros, para dar início a uma Sequência Didática (SD), quando há estudo sistemático de apenas um dos gêneros.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEZERRA, Maria A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, Angela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 35-57.

CORDEIRO, Haudrey B. F.; BRITO, Gláucia S. *Orkut é orkut, escola é escola*: professoras de língua portuguesa opinam sobre o internetês. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/172_714.pdf>. Acesso em: 9 out. 2011.

KOMESU, Fabiana; TENANI, Luciani. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, volume 9, número 3, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0903/09.htm>>. Acesso em: 9 out. 2011.

MAGDALENA, Beatriz C.; COSTA, Iris E. T. *Internet em sala de aula*: com a palavra, os professores. Porto Alegre, Rs: Artmed, 2003.

MARCUSCHI, Luiz. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2003. p. 19-36.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MURAND, Edgard. A maturidade do internetês. *Revista Língua Portuguesa*, Osasco, ano 3, n. 40, p. 24-27, fev. 2009.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (e col.). Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 7-20.

SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

XAVIER, Antônio C. Reflexões em torno da escrita nos novos Gêneros Digitais da Internet. *Investigações: lingüística e teoria literária*. v. 8, n. 2, jul., 2005, p. 01-13. Disponível em: <http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOS

[WEB/AntonioCarlosXavier_REFLEXOES-GENEROS-DIGITAIS-DAINTERNET_Vol18-N2_Art06.pdf](http://www.ufpe.br/pgletras/Investigacoes/Volumes/Vol.18.N.2_2005_ARTIGOS)>. Acesso em: 9 out. 2011.